

## 06. Caras e Caros Companheiros

Eunice Macedo (Universidade do Porto)

Caras e Caros Companheiros,

Trago-vos aqui algumas reflexões sobre a experiência de participação no projeto “Cemitério Paulo Freire”, proposto por Ricard Huerta, Professor Catedrático da Universidade de Valência, Instituto de Criatividade e Inovações Educativas. Ser desafiada pela Amélia Lopes para conhecer o Ricard Huerta, cujo trabalho de pesquisa foca expressão artística e criatividade, formação docente e a inclusão das e dos alunos, e investigação com artes, não poderia ter deixado de me despertar curiosidade. Mais curiosidade me suscitou ainda a sua proposta de projeto “Cemitério Paulo Freire”, já cuidadosamente delineada e baseada em experiências anteriores. Se a justificação do projeto, pelo autor, enquanto oportunidade de exploração de textos e contextos a partir de um olhar *desdramatizante* sobre a morte – focado na profusão expressiva das letras e dos dizeres dos mausoléus, e nas figuras escultóricas que preenchem os nossos cemitérios – me desafiou a olhar para esses espaços de outra forma, a provocação para me aproximar da ‘morte’ e dos seus rituais despertou-me algumas resistências. Falar da morte pode ser associado a morbidez e a desprendimento da vida, posição da qual me distancio francamente. Fui percebendo que o objetivo não seria esse. Contrariamente, explorar a morte pode consistir numa homenagem à vida, à vida que prevalece e se alimenta na manutenção de rituais, entre os quais a morte e a sua sacralização são, apenas, mais uma forma de viver a vida.

Face à proposta, interroguei-me “Porquê Freire, se estamos em Portugal?”, “Porquê os cemitérios e não qualquer outro lugar?”. Efetivamente, em encontros posteriores, tal como a oficina que Ricard dinamizou para estudantes do Programa Doutoral, na nossa faculdade, este explicaria de forma clara as suas opções, acabando por conquistar-me e vencer as minhas resistências. Quanto à primeira questão “Porquê Freire”, Ricard esclareceu que procurava uma pessoa que se expressasse em língua portuguesa e possuísse suficiente relevo internacional para captar a atenção para a problemática da investigação que Ricard trazia a debate. Esta mesma lógica orientou três exposições anteriores, na mesma modalidade, mas em locais distintos, a mais recente, em Bolonha, que se reportou a Pasolini. Claramente, Freire e o pensamento freiriano cumpriam brilhantemente essas funções, Freire é um pensador e comunicador poderoso e o seu

trabalho tem sido reconhecido ao nível internacional. Foi também a existência de um Instituto Paulo Freire de Portugal, sediado na nossa faculdade, que suscitou em Ricard a busca de inspiração em Freire, expandindo os cânones habituais do recurso à filosofia política da educação deste pedagogo. Devo dizer-vos que, face a esta *pro-vocação* me senti estimulada a procurar descobrir o que tem a dizer Freire – autor da resistência, da briga e dos afetos – sobre a questão da morte. Explorei então esse filão, tendo encontrado, em quatro obras de Freire, um conjunto de referências, como explicito em seguida, com base no email enviado a Ricard.

“Olá Ricard

Anexo pdf de livros de Freire, localizando a palavra ‘morte’: 1 – “Professora sim, Tia não”, em que Freire fala da morte associada à perda de ideologia e em que afirma a sua opção pela vida. Há 8 ocorrências; 2 – “Por uma pedagogia da pergunta”, em que Freire fala sobre ‘resistência, respondendo a uma questão relativa à morte do conhecimento, por relação com a morte da política. Há duas ocorrências; 3 – “Pedagogia do oprimido”, fala do amor à morte associado à opressão das pessoas oprimidas, com 17 ocorrências, por exemplo “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida.”; 4 – “Pedagogia da esperança” – morte(s) associada a vários temas: morte, com 9 ocorrências; e mortes com 3 ocorrências.” Trata-se, claramente, de um diálogo com a “morte” que a situa na tensão entre dominação e subordinação, presentes no eixo da relação de opressão muitas vezes prevalecente nas sociedades humanas; um diálogo que nos convoca a fazer opções éticas de amor à vida, no quadro de uma estética do solidário e do sensível.

Esta primeira seleção pela docente-investigadora-freiriana tinha por objetivo facilitar o diálogo do artista-professor-artista com o político-pedagogo e devo dizer que o resultado me pareceu verdadeiramente relevante. Ou seja, o objetivo foi não só realizado como transcendeu as expectativas. Ricard, por um lado, selecionou e categorizou textos e imagens de cemitérios, recolhidas por si em vários contextos internacionais, criando um diálogo de proximidade, que homenageia o pensamento freiriano e convoca simultaneamente a sua homenagem à vida. Por outro lado, Ricard pincelou diálogos informais com excertos de textos de Freire, trazendo cor e vida às expressões da morte; e ainda mobilizou estudantes, docentes e investigadores para fazerem parte desta exploração tirando partido da(s) estética(s) *sui generis* capturadas em imagem pelas

peças participantes, em cada cemitério. Uma pessoa, uma imagem – a contenção do olhar que opõe a qualidade à quantidade.

Retomando a segunda questão-estímulo, pergunto então “Porquê os cemitérios e não qualquer outro lugar?”. Realmente, esta resposta é de uma outra ordem de racionalidade, permitindo perceber como os limites podem ser transformados em oportunidades, quando os desafios de tornar significativas e poderosas as aprendizagens das e dos estudantes se sobrepõem a quaisquer formas de conformismo. Como nos diz o velho provérbio “A necessidade aguça o engenho”. Ricard explicou que a situação pandémica não lhe permitiu levar as e os seus alunos a visitar museus como espaços de aproximação e experimentação estética, porque os museus estavam fechados, obrigando-o a descobrir outros lugares que igualmente proporcionassem às e aos estudantes a experiência do sensível e da educação do olhar. De forma inesperada, estas imersões nos mundos da ‘morte’ despertaram nas e nos estudantes emoções e partilhas inesperadas, num (re)encontro com as próprias vidas e experiências com a morte, que tornaram ainda mais significativas as aprendizagens e permitiram aprofundar relações, humanizando-as.

Para terminar, reporto-me ainda à inauguração da exposição “Cemitério Paulo Freire”, como referi, que teve lugar no Espaço T “Quase Galeria”, na noite de 24 de novembro, com curadoria de Fátima Lambert, da Escola Superior de Educação, e coordenação académica e educativa de Amélia Lopes, Professora Catedrática da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. A exposição, organizada de forma límpida e clara, num espaço acolhedor, onde não faltaram os cravos que simbolizam “Abril”, teve bastante adesão por parte da comunidade académica e de outras pessoas. Ouvir o Ricard expressar-se entusiasticamente sobre as diferentes dimensões do trabalho realizado e trazido a público, até ao dia 19 de dezembro, foi o colmatar de uma experiência de rutura concetual, e de outras ruturas, que, certamente, valeu a pena, abrindo (e deixando) espaço para a reflexão sobre as pessoas que somos, as vidas que vivemos, e as mortes que vamos enfrentando.

Um abraço, Eunice Macedo

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Instituto Paulo Freire de Portugal